

BREVE ESBOÇO DA INDÚSTRIA DO CALÇADO DE FRANCA A PARTIR DA DESCRIÇÃO DOS INDUSTRIAIS DO SETOR

A BRIEF OUTLINE OF THE FOOTWEAR INDUSTRY OF FRANCA ACCORDING TO THE DESCRIPTION OF THE SECTOR'S ENTREPRENEURS

Aline Correia de SOUSA

Graduanda em economia, bolsista de iniciação científica pelo Uni-FACEF e membro do NEIC (Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Indústria e Cadeia Produtiva Calçadista)
alinecsousa@yahoo.com.br.

Hélio BRAGA FILHO

Economista, Doutor em Serviço Social, Pesquisador e membro do NEIC
hgp@com4.com.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo fazer um esboço da situação atual da indústria do calçado de Franca sob a ótica dos empresários locais. Na primeira seção, foi examinada a formação dos mercados consumidores nos países desenvolvidos, subdesenvolvidos e no município de Franca. Na segunda seção, procurou-se estabelecer as possíveis semelhanças e diferenças entre a industrialização do Brasil e de Franca, a partir da expansão da economia cafeeira. Na terceira, fez necessário aplicar uma pesquisa quantitativa. Foram enviados cinquenta questionários para as fábricas de calçados de diferentes portes, dos quais apenas doze foram respondidos. Verificou-se que para mais da metade dos entrevistados, tanto o faturamento quanto o preço médio de venda do calçado diminuiu nos últimos três anos. Por outro lado, para três quartos dos empresários, a concorrência local vem aumentando assim como, a margem de lucro vem se contraindo. Diferentemente, para 58% dos entrevistados, a remuneração da mão-de-obra vem configurando aumento.

Palavras-chave: Mercado Consumidor – Indústria Calçadista – Empresários de Franca.

Abstract

This work aimed to outline the current situation of the footwear industry of Franca, state of São Paulo, according to the local entrepreneurs. In the first section, the structure of consumer markets in developed and underdeveloped countries, and also in the city of Franca, was examined. The second section approaches similarities and differences between the industrialization of Brazil and of Franca, based on the expansion of the coffee production. In the third, it was necessary to apply a quantitative research. Fifty questionnaires were sent to the footwear factories, and only 12 were answered. It was verified that for more than half of the interviewees, both the revenues and the average price of the footwear decreased in the last three years. On the other hand, according to 3/4 of the entrepreneurs, local competition has increased, while the profit margin has been decreasing. Finally, to 58% of the interviewees, the workers' remuneration has been increasing.

Key-words: Consumer Market – Footwear Industry – Entrepreneurs of Franca.

Introdução

Analisando a economia brasileira em meados de 1990, pode-se verificar densas modificações em sua estrutura econômica e social, dentre as quais, destacam-se a abertura comercial, econômica e financeira, adotada a partir de privatizações de estatais, liberalização comercial, diminuição do Estado, flexibilização do mercado de trabalho e outras medidas de caráter mais neoliberal que, entre outros fatores, têm contribuído para o aumento das taxas de desemprego e de concorrência entre os diversos ramos de atividade econômica existentes.

Os produtores vêm sofrendo as pressões da concorrência predatória causada pelo aumento do número de ofertantes, os quais ampliaram, sobremaneira, a oferta de bens e serviços, cuja demanda não tem aumentado na mesma proporção da oferta, implicando assim, a redução dos preços dos produtos por eles comercializados e provavelmente da margem de lucro. Dessa forma, *[...] as firmas de custo mais elevado ou com menor flexibilidade financeira, aspectos que em geral são mais encontrados entre as pequenas firmas, não serão capazes de suportar a tensão, sendo forçadas a abandonar o mercado* (STEINDL, 1983, p. 63).

Os trabalhadores, por sua vez, têm sido prejudicados pelo aumento do desemprego causado pela insuficiente expansão do PIB, ampliação imoderada do setor informal, queda do seu rendimento nominal, que combinada com a elevada taxa real de juros, acabam inibindo o consumo e retraindo a atividade econômica. Assim,

[...] o crescimento demográfico leva a uma expansão da demanda efetiva somente na medida em que o acréscimo populacional se integra na economia de mercado. Se a economia se desenvolve, isto acaba por acontecer, mas se ela retém sua estrutura colonial, então o aumento de população não faz mais que engrossar as fileiras dos que se encontram fora do mercado [...] (SINGER, 1988, p. 77).

Mediante o cenário econômico, os empresários se vêm numa situação de concorrência predatória e, para enfrentá-la de maneira a preservar seus respectivos lugares dentro da economia, são forçados a tomar medidas que talvez possam prejudicá-los ainda mais, como, por exemplo, reduzir o custo de produção através do rebaixamento da qualidade das matérias-primas utilizadas no processo produtivo, impactando, de forma negativa, a otimização do produto final. A diminuição do preço médio de venda também pode ser uma medida desastrosa, uma vez que, por se tratar como estrutura de mercado a concorrência monopolística, a atitude pode propiciar a firma que agiu contraindo seu preço, obter ganho substancial das transações das empresas concorrentes que, diante desse quadro, também se sentem forçadas a reduzir seu preço de venda, dando continuidade ao ciclo (HAVEMAN, 1972).

Acredita-se, dessa forma, que determinados ramos de atividade, inseridos em um dado espaço econômico – atividades essas que dispõem de poucas barreiras à entrada, tais como: calçados, confecções, alimentícios etc. – podem atingir significativo grau de concentração espacial e, assim, devem contribuir para o aumento da concorrência entre os produtores e, provavelmente, para a redução do preço unitário de venda dos produtos comercializados, sinalizando para a manutenção ou queda das margens de lucro e do faturamento.

Nesse sentido, observando a dinâmica do mercado local, observa-se um aumento significativo no número de estabelecimentos do mesmo segmento. Pode-se dizer que, enquanto muitas instalações de um mesmo ramo de atividade se estabelecem na cidade, outros do mesmo setor fecham. Assim, é nítida, no município de Franca, a presença de aglomerações industriais do setor calçadista que, sob ótica de Meyer-Stamer (2001, p. 9), podem ser denominadas de “cluster de sobrevivência”, conforme afirmação seguinte:

Pertencente ao setor informal da economia, é constituído por microempresas de subsistência com determinadas características que se destacam:

capital social modesto, grande desconfiança entre empresas, concorrência ruínosa e mínima capacidade de inovação. (...). O cluster de sobrevivência é o centro de acolhimento das vítimas do processo “normal” de adaptação microeconômica, como ex-empregado das empresas menos eficientes que se desagregam do mercado quando cai o faturamento geral.

Em 1985, por exemplo, havia, no município de Franca, noventa e oito microempresas de calçados, ou seja, plantas que possuíam entre uma e nove pessoas empregadas, porém, em 2000, esse número saltou para setecentas e oitenta e três fábricas de mesmo formato. Analogamente, o total de firmas do setor calçadista presentes na cidade cresceu, aproximadamente, 232% entre 1985 e 2000, diferentemente da relação de trabalhadores que, no mesmo período, contraiu-se em 33,20% (BRAGA FILHO, 2003).

Assim, pretende-se verificar se o faturamento, o preço unitário de venda, a concorrência, a margem de lucro e a remuneração da mão-de-obra alocada no setor calçadista vêm aumentando, diminuindo ou se mantendo estável nos últimos três anos, estabelecendo um esboço da situação da indústria do calçado de Franca no presente momento, assim como traçar o perfil dos estabelecimentos locais, sob a ótica dos empresários calçadistas francanos.

Dessa forma, em um primeiro momento, foi necessário buscar na literatura estudos que abordam temas sobre concorrência, tamanho e formação do

mercado consumidor, processo de industrialização, aglomerações industriais, entre outros, procurando identificar as características do mercado interno de consumo. Num segundo momento, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, baseada na opinião de empresários da indústria calçadista de Franca, quanto à concorrência local, à margem de lucro, ao preço unitário de venda do calçado, ao faturamento e à remuneração da mão-de-obra alocada no setor, verificando se as variáveis experimentaram aumento, estabilidade ou redução nos últimos três anos. Posteriormente, realizou-se uma tabulação, via Excel, utilizando-se da literatura estudada como base teórica e de sustentação, para a análise dos resultados obtidos.

1 Formação do mercado interno dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos: o caso de Franca

A formação do mercado interno dos países desenvolvidos mostrou-se bem diferente dos países subdesenvolvidos. O que se pode falar sobre o período do pós-guerra, ou seja, o conhecido “*anos de ouro*” (iniciado por volta de 1960 e encerrado em 1973 com o choque do petróleo) é que houve um intenso desenvolvimento econômico e social das economias industrializadas que, combinado com expansão do produto, da produtividade, dos salários reais e do nível de emprego, propiciou ampliação do mercado interno e, conseqüentemente, elevação do consumo das famílias (MATTOSO, 2000).

Tabela 1 – Taxas médias anuais das principais variáveis de produtividade e emprego: EUA e União Européia – 1960 a 1973 (em porcentagem)

Países	Emprego Total	Emprego Público	Produto	Produtividade	Tempo de Trabalho	Desemprego
EUA	1,94	3,92	4,31	2,63	-0,30	4,94
União Européia	0,29	3,52 (1)	5,08	5,65	-0,83	2,48 (2)

Fonte: *apud* Mattoso (2000).

- (1) Dados de 1969-73;
- (2) Dados de 1970-73.

Conforme a Tabela 1, a União Européia e os EUA configuram taxas médias anuais significativas de suas produtividades, ou seja, 5,65% e 2,63% ao ano, respectivamente, devido à implementação de medidas de corte keynesiano, no sentido de ampliação do nível de emprego (tanto privado como público) e redução do tempo de trabalho que, combinados com a elevação do produto e, conseqüentemente, da renda, contribuíram para a formação de um mercado consumidor com poder de compra capaz de perpetuar o “efeito multiplicador do investimento” de Keynes e reduzir o nível de desemprego.

Dessa forma, mesmo que a elevação dos salários e do nível de emprego, bem como a redução do tempo de trabalho contribuíram para o aumento do custo da mão-de-obra alocada pelas empresas instaladas nas nações centrais, pode-se dizer que as mesmas se beneficiaram, ao adotar as medidas, a partir do momento em que a demanda pelos bens e serviços que elas ofereciam começaram a apresentar trajetória de crescimento. Assim, ao aumentar a remuneração dos trabalhadores, o poder de compra dos mesmos se eleva, promovendo, por um lado, a ampliação do consumo mediante uma cesta de bens cada vez mais diversificada e maior e, por outro lado, estimulando a produção em larga escala decorrente dessa demanda crescente.

Tabela 2 – Países industrializados selecionados segundo renda *per capita*: 1960 1977 e 1990

País	1960*	1977**	1990**
Japão	1.607	5.670	23.801
Alemanha	4.699	8.160	23.742
EUA	5.693	8.520	22.062
Canadá	4.637	8.460	21.638
França	3.622	7.290	21.013
Itália	1.885	3.440	18.987
Inglaterra	2.905	4.420	17.083

Fonte: apud Coutinho (1995)

* Dólares de 1977

** Dólares correntes.

Outro dado significativo, de acordo com a Tabela 2, é o aumento da renda *per capita* dos países industrializados, pois, no intervalo de 1960 a 1990, a mesma cresceu em média, 616,57%¹, contribuindo, tanto para a ampliação de um mercado interno capaz de absorver cada vez mais a crescente oferta de bens e serviços, como para a adequação dos consumidores ao novo padrão de produção e consumo instituído pelas economias industrializadas.

Dessa maneira, os consumidores passaram a ficar mais exigentes quanto à inovação, qualidade, preço das mercadorias e pontualidade na entrega das mesmas, assim como, nas certificações que indicam se o produto está dentro das normas de qualidade e segurança determinadas pelos órgãos reguladores, tendo em vista que o acesso aos mesmos foi se intensificando a cada dia, de modo que Coutinho

(1995) denominou esse efeito de “democratização do consumo”.

Por outro lado, analisando o tamanho do mercado interno, a partir de dados populacionais do Brasil e de suas respectivas grandes regiões (retirados do *Sistema de Contas Nacionais 2001/2002* do IBGE), verifica-se que a população brasileira vem crescendo, em média, 1,58% ao ano. Porém, o sudeste é a região que possui a maior participação relativa em relação ao conjunto da população das grandes regiões do país, com aproximadamente 42,64% dos brasileiros residindo em seus limites territoriais. O PIB do sudeste, da mesma forma que a população, também apresentou participação relativa extremamente significativa, representando aproximadamente 57,52% de todo o produto elaborado pelo Brasil.

Conforme a Tabela 3, verifica-se que as pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes do Brasil concentram-se, preponderantemente, nas classes de rendimento nominal mais baixas, ou seja, 68,32% delas estão situadas entre as faixas de ½ a 5 salários mínimos. Diferentemente, apenas 3,47% dos responsáveis pelos domicílios particulares permanentes recebem

rendimento nominal igual ou superior a 20 salários mínimos. Esses dados mostram a dificuldade que os produtores encontram, internamente, para ofertar bens de maior valor agregado, pois, o mercado consumidor brasileiro dispõe de reduzido poder aquisitivo e renda bastante heterogênea, o que dificulta inclusive a produção em larga escala devido à falta de demanda suficiente.

Tabela 3 – Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, por grupos de anos de estudo, segundo o sexo e as classes de rendimento nominal mensal – Brasil: 2000

Classes de rendimento nominal mensal (1)	Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes							
	Total	Grupos de anos de estudo						
		Sem instrução e menos de 1 ano	1 a 3 anos	4 a 7 anos	8 a 10 anos	11 a 14 anos	15 anos ou mais	Não determinados
Total	44 795 101	7 243 666	8 278 963	13 774 049	5 704 218	6 778 840	2 927 906	87 459
Até ½	1 298 102	531 924	432 099	269 241	44 868	16 729	1 553	1 688
Mais de ½ a 1	9 621 371	3 652 774	2 715 020	2 457 732	507 788	257 696	21 147	9 214
Mais de 1 a 2	8 680 409	1 307 330	2 048 409	3 441 062	1 095 104	718 853	58 043	11 608
Mais de 2 a 5	11 001 976	607 270	1 600 903	4 342 597	2 102 125	2 062 963	266 644	19 474
Mais de 5 a 10	5 874 877	111 795	408 354	1 502 198	1 093 091	2 032 758	708 723	17 958
Mais de 10 a 20	2 664 387	24 177	91 604	355 476	313 425	976 009	891 014	12 682
Mais de 20	1 554 968	7 590	30 832	113 721	110 662	380 436	902 748	8 979
Sem rendimento (2)	4 099 011	1 000 806	951 742	1 292 022	437 155	333 396	78 034	5 856

Fonte: Elaborada pelos autores, a partir do Censo Demográfico do IBGE (2000). (1) Salário mínimo utilizado: R\$151,00; (2) Inclusive as pessoas que receberam somente em benefícios.

Outro dado significativo é que mais da metade dos responsáveis pelos domicílios particulares brasileiros, que não possuem instrução ou estudaram menos de 1 ano, encontra-se na faixa de ½ a 1 salário mínimo. Diferentemente, 61,26% daqueles que possuem 15 ou mais anos de estudo, situam-se nas classes de rendimento médio mensal de 10 a 20 ou mais salários mínimos.

Os números mostram que o baixo grau de instrução dos brasileiros dificulta a formação de mão-de-obra qualificada que atenda às crescentes exigências do mercado de trabalho atual (cada vez mais competitivo e necessitado de profissionais que executem tarefas que demandem alto grau de conhecimento), limitando, desse modo, a produção de bens mais elaborados. A pouca instrução repercute também nos níveis salariais, tendo em vista que, quanto maior a oferta de força de trabalho

pouco especializada, provavelmente, menor será a sua devida remuneração, o que impede, por sua vez, a formação de mercado consumidor interno com renda capaz de absorver produtos de maior valor agregado.

Assim, observa-se que a formação do mercado interno brasileiro foi bem diferente daquela observada nos países desenvolvidos. Enquanto nestes, o crescimento foi sustentado pelo aumento do nível de emprego e dos salários reais, o que permitiu a expansão da demanda efetiva e modificações em seus respectivos padrões de produção (intensificação da produção em larga escala, induzindo à redução dos custos e, conseqüentemente do preço dos bens) e de consumo (elevação da procura por cestas de bens mais diversificadas e aumento do grau de exigência dos consumidores por produtos de qualidade cada vez superior), nas nações subdesenvolvidas, conforme

Coutinho (1995), a industrialização do pós-guerra não propiciou aumento dos salários reais, a não ser para limitado grupo de pessoas e, por outro lado, não se formou, internamente, “uma sociedade minimamente igualitária”. Desse modo, o que se pode observar foi uma degradação do mercado consumidor brasileiro, especialmente de baixa renda, e agravamento da concentração de renda e riqueza no país.

O município de Franca, por sua vez, – conforme dados da FUNDAÇÃO SEADE (*Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados*) de 2004 – está circunscrito em uma área geográfica de 571 km². Acomoda uma população de, aproximadamente 312

814 habitantes resultando, de modo geral, em uma densidade demográfica da ordem de 547,84 hab/km². Possui um percentual de ocupação predominante urbano, ou seja, mais de 98% de seus residentes moram na cidade. A taxa de crescimento populacional é significativa, representando um índice de 2,16% ao ano, e a esperança de vida ao nascer é relevante, o que significa dizer que quando concebidos, os nativos podem viver em média 73,44 anos. A renda *per capita* de seus habitantes, apurada, em 2000, pela mesma fonte de investigação, é de R\$359,60 e o rendimento médio mensal dos responsáveis pelos domicílios particulares, averiguado no mesmo ano, é de R\$853,88.

Tabela 4 – Valor do rendimento nominal mediano mensal do trabalho principal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência com rendimento do trabalho principal, por posição na ocupação e categoria do emprego no trabalho principal, segundo a Mesorregião de Ribeirão Preto, a Microrregião de Franca e o Município de Franca: 2000

Valor do rendimento nominal mediano mensal do trabalho principal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com rendimento no trabalho principal (R\$)							
Posição na ocupação no trabalho principal	Empregados segundo categoria do emprego no trabalho principal					Demais categorias do emprego	
	Total	Com carteira de trabalho assinada (1)	Militares e funcionários públicos estatutários	Outros sem carteira de trabalho assinada (1)	Empregadores	Conta própria	
Total	450,00	400,00	460,00	800,00	280,00	2 000,00	500,00
Mesorregião de Ribeirão Preto	400,00	350,00	400,00	750,00	210,00	1 800,00	500,00
Microrregião de Franca	347,00	300,00	350,00	800,00	220,00	1 500,00	500,00
Município de Franca	350,00	302,00	350,00	812,00	240,00	1 500,00	500,00

Fonte: Elaborada pelos autores, a partir do Censo Demográfico 2000 do IBGE.

(1) Inclusive os trabalhadores domésticos.

Analisando as informações da Tabela 4, verifica-se que, dentre os empregados com carteira de trabalho assinada, aqueles residentes no município de Franca, recebem uma remuneração que chega a ser menor que a média estadual em 0,31 vezes. Entretanto, o rendimento dos militares e funcionários públicos estatutários, dessa mesma cidade, é maior em termos absolutos que o rendimento das demais regiões aqui estudadas.

Também o ganho nominal médio daqueles que optam por trabalhar por conta própria é o mesmo no município, na microrregião de Franca e na mesorregião de Ribeirão Preto, sendo que o valor nominal médio é de R\$500,00. Porém, a diferença absoluta da remuneração entre trabalhar por conta própria e ser empregado com carteira de trabalho assinada é maior no município de Franca, comparativamente ao estado de São Paulo e à Mesorregião de Ribeirão Preto, fato

que talvez explique a preferência dos residentes de Franca serem autônomos e abrirem um negócio próprio, como, por exemplo, fábricas de calçados, a trabalharem como empregados registrados e desfrutarem de direitos trabalhistas.

A Tabela 5 nos possibilita verificar, tanto as atividades econômicas que se destacam no município de Franca, como o tamanho dos estabelecimentos, a

partir da relação de pessoal ocupado. Do total dos ramos de atividade econômica classificados, segundo a CNAE (*Classificação Nacional de Atividade Econômica*), aproximadamente, 47% deles estão concentrados no setor de comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos; 29,08% se concentram na indústria de transformação e 6,64%, no setor de alojamento e alimentação.

Tabela 5 – Dados gerais das unidades locais por faixas de pessoal ocupado total, segundo seção da classificação de atividades no Município de Franca: 2002

Classificação Nacional de Atividade Econômica (CNAE)	Faixas de pessoal ocupado									
	Total	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49	50 a 99	100 a 249	250 a 499	500 e mais
Total	15.429	12.908	1.386	636	187	142	109	41	12	8
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	33	27	4	1	-	-	1	-	-	-
Pesca	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústrias extrativas	12	9	1	2	-	-	-	-	-	-
Indústrias de transformação	4.486	3.470	460	272	88	83	72	31	5	5
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	8	5	-	-	-	1	1	-	1	-
Construção	115	88	8	4	3	5	7	-	-	-
Comércio; reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	7.243	6.371	588	204	38	28	11	2	1	-
Alojamento e alimentação	1.024	913	67	33	8	3	-	-	-	-
Transporte, armazenagem e comunicações	319	246	32	21	12	3	4	-	1	-
Intermediação financeira	149	96	24	15	8	3	2	1	-	-
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	888	772	72	32	5	4	2	-	1	-
Administração pública, defesa e seguridade social	11	9	-	-	-	1	-	-	-	1
Educação	184	131	21	10	9	5	5	2	-	1
Saúde e serviços sociais	255	196	27	18	7	1	-	3	2	1
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	700	573	82	24	9	5	4	2	1	-
Serviços domésticos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelos autores, a partir dos dados do CEMPRE (*Cadastro Central de Empresas*) 2002 do IBGE.

O mais interessante é que esses estabelecimentos são representados, em sua maioria, por empreendimentos de micro porte, Assim, o comércio varejista detém

na faixa de 0 a 4 pessoas ocupadas 49,36% da mão-de-obra do município, a indústria de transformação, nessa mesma faixa de pessoal ocupado, absorve

26,88% dos trabalhadores de Franca e o ramo de alojamento e alimentação, por sua vez, emprega 7,07% da força de trabalho da cidade. As atividades primárias e extrativas, por outro lado, são pouco significativas para o município de Franca, configurando apenas 0,30% do total dos ramos de atividade econômica listados na tabela anterior.

Os números, provavelmente, justificam a baixa renda existente na cidade que, por sua vez, não possibilita a diversificação da cesta de bens de consumo mais sofisticados, o que leva à concentração das atividades econômicas do município sempre para aqueles setores menos dinâmicos e de baixa remuneração.

2 O processo de industrialização do Brasil e de Franca: semelhanças e diferenças

Conforme Gremaud *et al* (1997), pode-se dizer que, desde 1840, já era notável o surgimento de estabelecimentos fabris em várias províncias do país; os ramos de atividade que apareciam de maneira mais freqüente eram as fábricas de tecidos que tinham sua produção destinada especialmente aos escravos e à população mais pobre. Outros setores também se destacavam nessa época, de acordo com Suzigan (2000), tais como: as cervejarias, as fundições, a agroindústria do açúcar, o segmento de chapéus e o ramo de calçados elaborados de maneira artesanal, atividades, que configuravam o limitado desenvolvimento industrial do período, face ao restrito mercado consumidor interno. No entanto, na perspectiva de Caio Prado Jr. (1998), a indústria brasileira só atinge seu primeiro surto considerável, na última década do Império (1880-1889), quando o número de estabelecimentos industriais salta de pouco mais de 200 em 1881, para mais de 600 em 1889.

Uma razão interessante e consistente que explica essa incipiente industrialização que o país configurou durante o período imperial e meados do período republicano é apontada por Furtado, que diz que *“a causa principal do grande atraso relativo da economia brasileira na primeira metade do século XIX foi, portanto, o estancamento de suas*

exportações. (...). Excluído o café, o valor das exportações de 1850 é inferior ao que provavelmente foi no começo do século” (FURTADO, 1986, p. 107). Assim, *“[...] Fomentar a industrialização nessa época, sem o apoio de uma capacidade para importar em expansão, seria tentar o impossível num país totalmente carente de base técnica* (FURTADO, 1986, p. 106)”. Diante do contexto, o café se mostra de extrema importância econômica para o Brasil, uma vez que ele encontra, no território nacional, todas as condições naturais (clima, solo, relevo, altitude) favoráveis para seu cultivo, tornando-se o principal produto da pauta exportadora brasileira.

O que se pode afirmar é como o setor cafeeiro estava em alta e sua taxa de acumulação financeira alcançava níveis consideráveis, chegando a ultrapassar as taxas de acumulação produtiva, os fazendeiros se sentiam estimulados a investir em outros setores, desde que assegurassem uma rentabilidade positiva (MELLO, 1998, p. 82). No entanto, pode-se admitir que a indústria nacional não atravessou as diferentes fases da industrialização, como o observado em outros países desenvolvidos, ou seja, passando do artesanato para a manufatura e chegando à indústria. Tendo em vista que o Brasil desfrutou de uma industrialização tardia, tornou-se admissível que o processo de industrialização nacional “saltasse” algumas etapas, fazendo com que muitos ramos de atividade já fossem instalados no país como grande indústria (GREMAUD *et al*, 1997).

Dessa forma, verifica-se que a indústria brasileira experimentou um grande avanço naquelas regiões em que o café representou participação bem significativa, como o observado no Rio de Janeiro e em São Paulo, corroborando a relação de interdependência entre os dois ramos de atividade. Outro fato a considerar é a predominância de empresas de grande porte que foram instaladas no país; a característica marcante provavelmente seja explicada como resultado do próprio processo de industrialização tardia que o país configurou.

Quanto à indústria calçadista de Franca, é possível dizer, a princípio, que ela surgiu no município de forma espontânea, pois os industriais locais não averiguaram a existência de fonte de matéria-prima, energia, frete, mão-de-obra, salário, mercado consumidor e outros fatores para a instalação na região. O que provavelmente condicionou o aparecimento da indústria na cidade é o fato de Franca estar localizada em uma região voltada para a atividade pecuária, o que facilitou a preparação do couro e, por conseguinte, a transformação da matéria-prima em produto acabado (calçados masculinos de couro - especialidade do referido município). Não se pode deixar de considerar que “[...] a Vila Franca do Imperador foi um dos principais entrepostos da chamada “Estrada dos Goiaes”, importante rota de comércio que ligava a capital da província de São Paulo aos sertões de Goiás e Mato Grosso (BARBOSA, 2004, p. 17).” Dessa forma, como passavam por essas estradas inúmeros produtos, dentre eles, o couro, não foi difícil estimular o surgimento de curtumes¹ na cidade, bem como, oficinas que elaboram artigos de couro, tanto que desde a década de 1820, conforme Barbosa (2004), os artesãos locais já produziam arreios, sandálias, coberturas para carros de bois, entre outros artefatos feitos, a partir dessa fonte de matéria-prima.

Nesse sentido, é perceptível a presença de atividades locais relacionadas ao couro e à sua transformação em produtos mais elaborados antes mesmo da firmação da atividade cafeeira que, por sua vez, começou a ganhar vulto no Brasil, a partir de 1850 e, se tornou mais relevante para o município, entre os anos de 1890 e 1920.

Dessa forma, verifica-se que as modificações advindas da economia cafeeira começaram a exercer certa influência sobre os “empreendedores” calçadistas locais no tange à escolha da melhor localização para a instalação de suas firmas, pois, a partir do momento em que os mesmos passaram a verificar a existência de fonte de matéria-prima farta e próxima (no caso, o couro), mão-de-obra abundante, fonte de energia, meio de transporte (para o escoamento da produção para o local e região) e mercado consumidor crescente para bens

de consumo (estimulado graças ao aumento da monetização da economia), observou-se o aumento do número de unidades fabris deste segmento no município que, conforme Braga Filho (2000), dobrou entre os anos de 1928 e 1937.

Todavia, o processo de industrialização de Franca se mostrou bem diferente daquele verificado para o país, pois, enquanto no Brasil havia um grande “vazamento” de capital monetário do complexo cafeeiro que estimulava os fazendeiros a investir em outros setores, desde que assegurassem uma rentabilidade positiva, em Franca sempre predominou a pequena propriedade cafeeira de pouca expressividade para o município, o que dificultava a acumulação de capitais e a inversão dos mesmos em outras atividades lucrativas (BARBOSA, 2004).

Nesse sentido, pode-se admitir que o processo de industrialização de Franca e aquele verificado para o país se mostraram bem distintos um do outro, pois, enquanto no Brasil tornou-se admissível o fato de se “saltar” algumas etapas face à industrialização tardia que o país configurou, fazendo com que muitos ramos de atividade já fossem instalados internamente como grande indústria, é possível dizer, diferentemente, que Franca atravessou as diferentes fases da industrialização, passando do artesanato para a manufatura e chegando à grande indústria.

Dessa forma, o que se pode falar sobre o processo de industrialização local é que ele não se assemelha ao “padrão” nacional de industrialização, pois, bem antes da hegemonia da atividade cafeeira em Franca, foi possível encontrar a presença de atividades artesanais elaboradas a partir do couro, o que levou progressivamente, ao aparecimento da indústria calçadista de Franca. Por outro lado, ao contrário do que ocorreu no Brasil de forma geral, como a pequena propriedade cafeeira sempre predominou, no município, dificilmente verificou acumulação de capital suficiente para que ocorressem grandes inversões no setor industrial e desse modo, o aparecimento de unidades fabris de pequeno porte foi notável e perdurou por muitos anos, fato esse que justifica a transição da fase artesanal para a manufatureira até a grande indústria aparecer no local.

3 Pesquisa quantitativa: o caso da indústria calçadista de Franca

3.1 Metodologia

A partir do *Cadastro Físico dos Contribuintes Ativos do IPTU da Prefeitura Municipal de Franca* de 2005, verificou-se a existência de 1527 indústrias calçadistas [segundo classificação CNAE (*Classificação Nacional de Atividade Econômica*) de 7 dígitos] no município de Franca. Enquanto pesquisa exploratória, foram enviados, aleatoriamente, 50 questionários para as fábricas de calçados da referida cidade, do quais, apenas 12 foram respondidos.

A escolha da amostra de 50 fábricas de calçados para envio dos questionários foi baseada no fato do número ser considerado significativo para efeitos estatísticos (SARTORIS NETO 2003). No entanto, apesar de apenas 24% desses estabelecimentos terem respondido à pesquisa proposta, o que configura uma amostra reduzida, dada a dimensão e importância da indústria calçadista para o local, a presente análise ainda é válida para se fazer um breve esboço sobre esse ramo de atividade. Todavia, em um próximo

trabalho², pretende-se ampliar essa pesquisa, buscando fazer um estudo de maior abrangência, incluindo conceitos sobre mercado, concorrência e economia industrial.

As questões empregadas foram fechadas, abrangendo, de modo geral, temas relacionados ao faturamento da empresa, preço médio de venda, concorrência local, margem de lucro e remuneração da mão-de-obra.

No próximo tópico, são analisadas respostas obtidas, traçando o perfil da indústria, descrevendo o seu estado no presente momento e, de certo modo, especular sobre suas possíveis perspectivas.

3.2 Resultados e discussões

Inicialmente, examina-se, junto aos empresários calçadistas locais, o faturamento da empresa, verificando se o mesmo aumentou, diminuiu ou se manteve estável nos últimos três anos. Posteriormente, faz-se a mesma análise para o preço médio de venda do calçado, a concorrência local, a margem de lucro e a remuneração da mão-de-obra alocada.

Tabela 6 – Respostas dos entrevistados quanto ao faturamento da empresa – Franca: 2005

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Aumentou	3	25
Estável	2	17
Diminuiu	7	58
Total	12	100

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com os dados da Tabela 6, verifica-se que a queda do faturamento das empresas calçadistas de Franca foi o item mais citado entre os entrevistados, correspondendo a 58% das

opiniões. Por outro lado, 25% dos empresários locais afirmam que o faturamento de suas fábricas vem aumentando e, apenas 17%, dizem que o mesmo vem configurando certa estabilidade.

Tabela 7 – Respostas dos entrevistados quanto ao preço médio unitário de venda – Franca: 2005

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Aumentou	3	25
Estável	2	17
Diminuiu	7	58
Total	12	100

Fonte: dados da pesquisa.

No mesmo sentido, a queda do preço unitário de venda dos calçados, conforme opinião dos empreendedores locais, também se mostrou relevante, pois mais da metade dos entrevistados apontaram esse item. Por outro lado, $\frac{1}{4}$ dos empresários calçadistas de Franca afirmam que o preço médio de venda do sapato vem aumentando, contra $\frac{1}{6}$ daqueles que dizem que o mesmo vem se mantendo estável nos últimos três anos.

A relação que se pode fazer diante das respostas analisadas é que o faturamento do setor calçadista vem configurando queda, provavelmente, devido à

diminuição do preço unitário de venda do calçado. Talvez o efeito poderá ser amortizado se os fabricantes do município de Franca se esforçarem, procurando aumentar a produção através da conquista de novos consumidores e da expansão de seus mercados para novas localidades. Outra estratégia interessante seria se os mesmos conseguissem agregar mais valor ao seu produto (seja por meio de elevação da qualidade da matéria-prima ou de outro insumo utilizado no processo produtivo, seja através da construção de uma marca forte), elevando seu respectivo preço de venda e, nesse sentido, o faturamento.

Tabela 8 – Respostas dos entrevistados quanto à concorrência local – Franca: 2005

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Aumentou	9	75
Estável	1	8
Diminuiu	2	17
Total	12	100

Fonte: dados da pesquisa.

Quanto à concorrência local, verifica-se, conforme a Tabela 8, que $\frac{3}{4}$ dos entrevistados afirmam que a mesma vem se elevando nos últimos três anos. Por

outro lado, $\frac{1}{6}$ dos produtores de calçados de Franca responderam que a concorrência aumentou, contra $\frac{2}{3}$ que dizem que a mesma permanece estável.

Tabela 9 – Respostas dos entrevistados quanto à margem de lucro – Franca: 2005

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Aumentou	0	0
Estável	3	25
Diminuiu	9	75
Total	12	100

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com os dados da Tabela 9, verifica-se que a queda da margem de lucro das empresas calçadistas de Franca foi o item mais citado entre os entrevistados, correspondendo a 75% das opiniões. Por outro lado, 25% dos empresários locais acreditam que a mesma vem configurando certa estabilidade.

Acredita-se, conforme os dados apresentados, que a margem de lucro do setor calçadista de Franca

vem se reduzindo devido ao aumento da concorrência local que os próprios entrevistados apontaram. No entanto, a estratégia que os empresários provavelmente adotam para se livrar da concorrência acirrada é a diminuição do preço unitário de venda de seus respectivos produtos, o que leva, conseqüentemente, à queda do faturamento das empresas calçadistas locais e ao acirramento da concorrência entre as unidades fabris do setor.

Tabela 10 – Respostas dos entrevistados quanto à remuneração da mão-de-obra – Franca: 2005

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Aumentou	7	58
Estável	3	25
Diminuiu	2	17
Total	12	100

Fonte: dados da pesquisa.

Analisando os dados da Tabela 10, verifica-se que a remuneração da mão-de-obra alocada no setor calçadista tem aumentado nos últimos três anos, conforme a opinião de 58% dos empresários locais. Diferentemente, 17% dos mesmos apontaram que a remuneração dos funcionários tem diminuído e, 25% dos entrevistados acreditam que a mesma tem se mostrado estável.

O resultado obtido através da opinião dos empresários é significativo, pois, como foi visto na primeira seção, aproximadamente 75% do total dos ramos de atividade existentes, no município de Franca, estão concentrados no comércio e na indústria de transformação, sendo esses estabelecimentos, em sua maioria, empreendimentos de micro porte. Dessa forma, acredita-se que a renda não tem aumentado em termos reais, como diz boa parte dos entrevistados, pois, se esse fato estivesse ocorrendo, seria possível observar a crescente instalação de estabelecimentos mais sofisticados no município, o que, por sua vez, não se verifica; o que se verifica no presente momento é uma concentração das atividades econômicas em segmentos específicos, pouco dinâmicos e de baixa remuneração.

Conclusão

O trabalho teve como objetivo verificar se o faturamento, o preço unitário de venda, a concorrência, a margem de lucro e a remuneração da mão-de-obra alocada, no setor calçadista de Franca, vêm aumentando, diminuindo ou se mantendo estável nos últimos três anos.

Na primeira seção, pode-se verificar que a mudança do nível de renda e de consumo dos

países industrializados, combinada com a adoção de políticas keynesianas de sustentação do crescimento do produto e do emprego contribuíram para a ampliação da oferta de bens e serviços e da demanda efetiva pelos mesmos, formando as bases do mercado interno e a democratização do consumo. Diferentemente, os países subdesenvolvidos não adotaram políticas de aumento dos salários reais, a não ser para um limitado grupo de pessoas, levando a degradação do mercado consumidor brasileiro, e ao agravamento da concentração de renda e riqueza no país. Quanto ao município de Franca, foi possível observar que a diferença absoluta da remuneração entre trabalhar por conta própria e ser empregado com carteira de trabalho assinada é maior na referida cidade, comparativamente ao estado de São Paulo e à Mesorregião de Ribeirão Preto, o que provavelmente explica a preferência dos cidadãos de Franca por ocupar-se, de maneira autônoma, a ser empregados. Na segunda seção, pode-se admitir que o processo de industrialização de Franca se mostrou bem diferente daquele verificado para o país.

Finalmente, na terceira seção, foi necessário realizar uma pesquisa quantitativa para traçar o perfil dos estabelecimentos locais, sob a ótica dos empresários calçadistas do município. A relação que se pode fazer, diante das respostas analisadas, é que o faturamento do setor calçadista se configura pela queda, provavelmente, devido à diminuição do preço unitário de venda do calçado. Por outro lado, a margem de lucro do setor calçadista de Franca vem se reduzindo devido ao aumento da concorrência local que os próprios entrevistados apontaram. No entanto, a estratégia

que os empresários provavelmente adotam para se livrar da concorrência acirrada é a diminuição do preço unitário de venda de seus respectivos produtos, o que leva, conseqüentemente, à queda do faturamento das empresas calçadistas locais e ao acirramento da concorrência entre as unidades fabris do setor.

Referências

BARBOSA, A. S. **Empresário fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920-1990)**. Tese (Doutorado em Sociologia). Araraquara: FCL/UNESP, 2004.

BRAGA FILHO, H. *et al.* A indústria de calçados de Franca na década de 1990: um estudo sobre a dinâmica distributiva. **Relatório de Pesquisa**. IPES/Uni-FACEF, 2003.

_____. **Globalização em Franca: a reorganização industrial e economia informal**. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial). Franca: UNI FACEF, 2000.

_____. **Distribuição da renda entre salários e lucros na indústria do calçado de Franca (1994 – 2002)**. Tese (Doutorado em Serviço Social). Franca: FHDSS/UNESP, 2005.

CANOAS, J. W. (Org.). **A reestruturação produtiva em Franca: os sindicatos em movimento**. Franca: UNESP-FHDSS, 2002.

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: Difel, 1977.

CARLEIAL, L. M. F.; VALLE, R. (Orgs.). **Reestruturação produtiva e mercado de trabalho**. São Paulo: Hucitec; ABET, 1997.

CARONE, E. **A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: Senac, 2001.

COSTA, A. B. Competitividade da indústria de calçados: nota técnica setorial do complexo têxtil. *In:* COUTINHO, L. G. *et al* (Coords.). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Campinas: FECAMP; MCT; FINEP; PADCT,

1993. Disponível em: <www.mct.gov.br/publi/Compet/Default.htm>. Acesso em: mar.2005.

COUTINHO, L.; FERRAZ, J. C. (Org.). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Campinas: Papyrus; UNICAMP, 1995.

CURCI, M. E. **Estudo sobre vida e morte das microempresas em Franca: identificação das causas de fechamento no ramo calçadista no período de 1992 a 1996**. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial). Franca: Uni-FACEF, 2001.

DILLARD, D. **A teoria de John Maynard Keynes**. 6. ed. Traduzido por Albertino Pinheiro Júnior. São Paulo: Pioneira, 1948.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 21. ed. São Paulo: Nacional, 1986.

GREMAUD, A. P. *et al.* **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Atlas, 1997.

HAVEMAN, R. H.; KNOPF, K. A. **O sistema de mercado**. Traduzido por Zoratto Sanvicente. São Paulo: Pioneira, 1972.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br.htm>>. Acesso em: 10 maio 2005.

MATTOSO, J. Tecnologia e emprego: uma relação conflituosa. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, 3p. x-y, 2000.

MELLO, J. M. C. **O capitalismo tardio: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira**. Campinas: UNICAMP, 1998.

MEYER-STAMER (estava errado), Jörg. Estratégias de desenvolvimento local e regional: cluster, política de localização e competitividade sistêmica. *In:* Policy Paper. São Paulo: FES, p. 1 - 26, n.28. Set. 2001.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br.htm>>. Acesso em 10 maio 2005.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. 43. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PEREIRA, L. C. B. **Crise e desenvolvimento no Brasil: história, economia e política de Getúlio Vargas a Lula**. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

ROSSETTI, J. P. **Introdução à economia**. 19. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SANDRONI, P. **Novíssimo dicionário de economia**. 11. ed. São Paulo: Best Seller, 2003.

SARTORIS NETO, A. **Estatística e introdução à econometria**. São Paulo: Saraiva, 2003.

SINGER, P. **Dinâmica populacional e desenvolvimento**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

STEINDL, J. **Maturidade e estagnação no capitalismo americano**. Traduzido por Leda Maria Gonçalves Maia. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SUZIGAN, W. A Indústria brasileira após uma década de estagnação: questões para política industrial. **Economia e Sociedade**, Campinas, p. 89-109, 1992.

_____. A indústria brasileira após uma década de estagnação: questões para política industrial. **Economia e Sociedade**, Campinas, ano, n.x, p. x-y, 1992.

TOSI, P. G. **Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945)**. Franca: UNESP – FDHSS, 2002. (Série Dissertações e Teses).

Notas

¹O resultado do crescimento médio da renda dos países industrializados, durante o intervalo de 1960 a 1990, foi obtido através da taxa de crescimento apresentada por Jones (2000) $[(K_t - K_{t-1}) / K_{t-1}]$, onde: K_t = valor do ano t e K_{t-1} = valor do ano t-1], utilizando-se os valores do ano de 1960 como as variáveis K_{t-1} e os valores do ano de 1990 como as variáveis K_t . Posteriormente, calculou-se a média aritmética, somando-se os valores obtidos de cada país e dividindo o resultado pelo número total de países, ou seja, por (7) sete.

²Além do intenso fluxo de couro que passava pela Vila Franca do Imperador a partir da Estrada dos Goiases, existiam outros fatores de ordem natural que

acabaram por propiciar o surgimento de curtumes e de atividades ligadas ao couro na cidade de Franca. Conforme Tosi (2002), é possível dizer o seguinte: *“Do lado da oferta, o fluxo regular de mercadorias – dentre elas o couro – e, ainda, a disponibilidade de dois insumos necessários ao curtimento, tais como as madeiras ricas em tanino; é o caso do barbatimão, sua casca contém expressiva quantidade dessa substância química, ordinariamente utilizada no curtimento. [...] E, secundariamente, a disponibilidade de “pedra” tapiocanga, rica em óxidos de ferro, que atuava como catalisador na solução de curtimento. [...] O curtimento sempre dependeu, também, de farta disponibilidade de água, que poderia usada para a solução de curtimento, lavagem dos couros e mesmo como fonte de energia”* (TOSI, 2002, p.111).

³Durante o período de elaboração do presente trabalho, foi desenvolvido um projeto de pesquisa com vistas à entender o motivo pelo qual os empreendedores locais tendem a inaugurar estabelecimentos sempre voltados para os mesmos ramos de atividade econômica, notadamente, para a indústria calçadista. O projeto foi aprovado pela FAPESP sob o título: *“ESTUDO EXPLORATÓRIO DE MERCADO: o problema da concentração de atividades econômicas do setor calçadista no mercado local”*. Dessa forma, procurar-se-á ampliar a pesquisa de campo, procurando oferecer subsídios para o trabalho do Prof. Dr. Agnaldo de Sousa Barbosa que está vinculado ao **Programa Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes da FAPESP**.